

Recomeço do sonho

09 OUT 1988

OTTO LARA RESENDE

O GLOBO

*"Muito ao longe o Brasil
com seus braços cruzados..."*

Mário de Andrade

Começo por dizer que ainda não li a Constituição da República Federativa do Brasil. Não li nem o preâmbulo. Nem ao menos o prefácio, que revolta os espíritos agora convertidos ao formalismo jurídico, depois do longo jejum democrático, em que só era permitido engolir cobras e lagartos, ou seja, atos institucionais e decretos-leis.

Digo que ainda não li, mas vou ler, claro. Afinal, vítima do extravagante hábito da leitura, tenho lido muitas Constituições. Li a do Império, li a que fundou a República. Li a de 1934 e li a de 1937. Esta, cheguei a estudar, porque era vigente em 1942, quando eu tinha aulas e provas de Direito Constitucional. Apesar de outorgada para servir a um propósito ditatorial, apesar de inspirada no figurino fascista, a Carta de 37 em grande parte também foi letra morta.

Digo também porque há sempre um vazio entre a lei e a realidade. No Brasil, esse vazio assume as proporções do abismo. É mais um abismo com que temos convivido. Quando caiu a polaca de 1937, por força da vitória das armas democráticas no Mundo lá fora e da exaustão do regime ditatorial aqui dentro, veio a Constituição de 1946. Esta, acompanhei de perto, dia a dia, hora a hora, como repórter do GLOBO e do "Diário de Notícias" no Palácio Tiradentes.

Por isto, porque a vi nascer, quando eu tinha um ardente coração de 23 anos, sempre me senti pessoalmente ligado ao seu destino. Quem falava mal dela me ofendia. Ela era presidencialista e eu era e sou parlamentarista. Ela optou pelo mandato presidencial de cinco anos e eu era e sou pelo quadriênio. Tinha defeitos, como tudo que é humano. Não teve seguimento nas leis complementares. Mas deixou saudades, sobretudo depois que começou o chorrilho de coroças e mércias com que o arbítrio impôs silêncio ao Brasil em nome da salvação nacional.

Por isto e por tudo mais que todos sabemos, ainda não li, mas já estou gostando da Constituição de 1988. Se a tivesse lido, não mudaria o que agora escrevo. Ela tem pelo menos esta vantagem: permite que se fale mal dela. O Brasil está agora cheio de hermeneutas e de críticos, de intérpretes e de constitucionalistas. Milhentos sábios sabem

como é preciso governar o Brasil. Estou dispensado, pois, de trazer a esse oceano de sabedoria o meu dedal de incertezas. Mas não me esquivo de trazer aqui uma nota que, emitida por um coração civicamente dividido entre o ceticismo e a fadiga, dá-se contudo ao luxo de voltar à fé de seus remotos 23 anos.

Devo esse milagre, se é milagre, ao Presidente Ulysses Guimarães. Ao discurso com que promulgou a polêmica e por certo defeituosa Constituição que reproclama, um século depois, a República com que sonhamos. A meu ver, o Dr. Ulysses escolheu a clave adequada e oportuna. Por não ser frio nem quente, por ser morno, o clima político de nossa eterna transição é o que se vê — de descrença e desencanto. Pior do que o ódio, ou o contrário do ódio, pode ser a indiferença, que esconde o engulho.

Depois de tudo que ocorreu, depois de tantos anos de sucessivas e cruéis frustrações, era imperioso que alguém ferisse a nota da emoção. Com direito ao sustenido, à ênfase e à retórica. A política é a arte do possível e opera na realidade. Pois que seja. Não chego a repetir Bernanos: "Fulano é um realista, isto é, um canalha". Mas ninguém ousaria dizer que está faltando ao Poder no Brasil uma dose maior de realismo. Pelo contrário. O que é preciso é abrir espaço para a utopia. Sem sonho, não há futuro. Nem República.

Repito que ainda não li a Constituição. Mas ouvi, li, reli e aplaudi o discurso do Dr. Ulysses. Essa é a nota que vai ficar para sempre. O Dr. Ulysses não podia deixar de dizer o que disse. Evocar Rubens Paiva e Teotônio Vilela. Sim, anistia é esquecimento. Mas a anistia não suprime a História. Nem cala a voz da Justiça que está para além dos autos e dos procedimentos legais — e pede o timbre da cólera sagrada. Um homem-símbolo não se improvisa, nem se fabrica. O Dr. Ulysses nesta hora é o homem-símbolo fiel à sua missão. Não mudou, quando sua voz vem das entranhas. Pode não ser a voz do realismo. Mas é a voz do Brasil que quer de fato mudar. A voz dos jovens de coração, mesmo que acabem de completar 72 anos.